

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Fernanda Gomes Silva (UECE/FECLI)<sup>1</sup>*  
*Gilmar Vieira Cavalcante (UECE/FECLI)<sup>2</sup>*  
*Joana Dark Gomes Silva (UECE/FECLI)<sup>3</sup>*  
*Luiz Carlos Souza Bezerra (UFPA)<sup>4</sup>*

## RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, refletir acerca da contação de histórias como metodologia didático-pedagógica utilizada na regência de aulas de língua portuguesa no 6º ano ensino fundamental. Para tanto, utilizaremos como objeto de reflexão a experiência de estágio supervisionado. Essa atividade além de ser uma tradição da comunicação oral, contribui significativamente no ensino-aprendizagem da oralidade. O trabalho está embasado em autores que abordam o ensino da oralidade nas aulas de português (MARCUSCHI, 2008; 2010; BRASIL, 1998; entre outros). Partindo disso, foi desenvolvida, na regência do estágio supervisionado, a contação de dois contos: “*O menino que foi ao vento norte*” (BEDRAN, 2012) e; “*Chapeuzinho Vermelho*” (GRIMM, 2012). A leitura do primeiro conto foi realizada pelos estagiários e o segundo pelos alunos. A proposta favoreceu o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas da oralidade.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Oralidade. Contação de histórias.

## Introdução

A tradição de contar histórias está presente em diversas culturas, se perpetuando por gerações e gerações. O uso da voz para a transmissão oral de crenças, mitos, valores e memórias passa por diferentes níveis no decorrer da história, sempre ligada e modificada pelo surgimento da escrita. De acordo com Zumthor (1993), esse uso da voz oral é conceituada e dividida em três tipos: i) Oralidade Primária - que não possui nem um contato com a escrita, encontrando-se apenas nas sociedades que não possuem contato com o sistema de símbolos gráficos, grupos isolados e analfabetos; ii) Oralidade Mista - quando a influência da escrita permanece externa e atrasada e; iii) Oralidade Segunda - que coexiste com a escrita.

O homem através da linguagem oral usa o poder da palavra para expressar seus valores e socializar com o seu grupo. Os contadores de histórias transmitem esses valores, memórias e crenças preservando a cultura e os costumes por gerações.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português/Literatura da UECE/FECLI.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português/Literatura da UECE/FECLI.

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português/Literatura da UECE/FECLI.

<sup>4</sup> Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Altamira.

Bedran (2012) analisa e dividi dois grupos de contadores: a) o contador camponês - que não saiu do seu país e conhece todas as histórias, tradições e valores das suas terras e; b) o contador marinho comerciante, migrante de terras oriundas e cheias de aventuras nas suas viagens, “os marujos forma os primeiros mestres na arte de narrar” (BEDRAN, 2012, p. 33).

Na cultura brasileira temos diversos exemplos desses contadores, os índios socializavam suas histórias e experiências; os afrodescendentes contavam suas dores, suas lembranças, suas raízes; as amas de leite contavam para acalmar as crianças. Em algumas regiões rurais, a noite, as pessoas se reúnem nos terreiros e ali gerações compartilham memórias de um tempo tão distante, mas que seus ouvintes através do poder das palavras são transportados para essas outras épocas com o uso da imaginação. A diversidade de povos, costumes e crenças brasileiras tornam rico o repertório de histórias que são narrados por todos os cantos do país.

Apesar de toda a tradição da contação de histórias, essa prática acaba sendo limitada dentro da sala de aula. Geralmente, em alguns casos, os professores fazem uso dessa atividade apenas nos anos iniciais do ensino fundamental. Ao ser empregada em níveis de ensino mais avançados, a oralidade é muitas vezes vista como uma atividade de “enrolação” e “perda de tempo”. Porém, esse tipo de atividade deve ser vista como uma importante ação pedagógica, pois além de proporcionar aos alunos o contato aos mais variados tipos de textos orais e escritos, instigam a curiosidade dos alunos e a construção do gosto pela leitura. O professor ao se tornar um contador de histórias estará mediando o processo de formação leitora e cognitiva favorecendo, por sua vez, o processo de desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas e, conseqüentemente, instigando a produção de textos orais/escritos pelos alunos.

Assim sendo, pretende-se, neste trabalho, refletir acerca da contação de histórias como metodologia didático-pedagógica utilizada na regência de aulas de língua portuguesa, no 6º ano ensino fundamental.

### **A contação de histórias como recurso didático-pedagógico**

O processo de formação de leitores nas escolas brasileiras ainda é uma prática que carece de muitas reflexões. A escola ao alfabetizar o aluno ensinando a ler e escrever, não garante a formação de leitores assíduos e de cidadãos capazes de expressar suas opiniões diante de sua realidade. O aluno necessita de uma prática pedagógica que incentive o gosto pela leitura e contribua no desenvolvimento de suas habilidades linguístico-discursivas. A contação de histórias pode ser um desses incentivos utilizados pelos professores para

despertar o interesse e o prazer pela leitura, tendo em vista que conforme Bedran (2012, p. 110) “contar histórias como uma ação pedagógica é também um estímulo às práticas da leitura”.

O professor ao se desprender de práticas de leituras rotineiras e dando espaço para a contação de histórias contribuirá na construção da imaginação, criatividade, senso crítico, contato com realidades diferentes da vida dos alunos, culturas e saberes. O educador ao se por como um contador de histórias construirá uma atividade coletiva entre professor e alunos, contador e ouvinte, narrativas e realidades permitindo ao aluno o contato com o poder das palavras, um diálogo entre as histórias contadas pelo professor, as contadas pelos alunos, as reflexões que são provocadas após cada contação, essa prática ainda pode favorecer:

o encontro dos personagens e das situações que a história contém com o imaginário de cada criança ao redor do professor-narrador engendra uma teia, um tecido, um mosaico, reveladores de expressão e criatividade. A narrativa é um estímulo que gera uma diversidade de respostas dentro de cada aluno, que após ouvir, ver e sentir a história mergulha num fazer artístico enriquecido de sentidos, trabalhando e criando com inúmeros materiais disponíveis. (BEDRAN, 2012 p. 109).

Essa possibilidade de atividade não deve limita-se apenas aos anos iniciais da formação do aluno, ela pode ser uma prática que contribuirá ao longo do processo de formação dos educandos. A narração oral, a leitura de textos contribuirá no processo de construção da oralidade dos alunos, eles fazendo uso da fala em sala, adequando-se a cada situação proposta permitirá o desenvolvimento de suas habilidades discursivas e em outras situações comunicativas fora da escola. Nesse sentido, destaca-se o argumento de Marcuschi (2008, p. 90) de que: “quando se ensina alguém a lidar com textos, ensina-se mais do que usos linguísticos. Ensinam-se operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como forma de ação linguística”. Assim sendo, o professor pode ainda conciliar a contação de histórias aos gêneros que já estão sendo trabalhados em sala, pode pesquisar na biblioteca da própria escola o acervo disponível para esse tipo de atividade, pode ainda descobrir os gostos temáticos dos alunos e propor a contação de histórias organizadas pelos próprios alunos.

### **Competências e habilidades de oralidade nas aulas de língua portuguesa**

A oralidade deve ser uma das ferramentas indispensáveis para a formação dos alunos, visto que é através dessa modalidade de ensino que os estudantes se tornam um usuário competente da linguagem oral. O domínio da fala, fará com que os educandos possam interagir nos diversos meios sociais, podendo manifestar por meio da oralidade suas opiniões, críticas e pensamentos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) colocam como um dos objetivos no ensino fundamental “Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p.07).

Ao ingressarem nas escolas os alunos já possuem um determinado domínio da linguagem discursiva, em contextos públicos, por meio disso a escola tem como função fazer com que essa habilidade seja promovida e que os estudantes tenha um maior controle sobre essa competência, o que não seria possível se a instituição de ensino não motivasse o domínio da fala, “A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não torna para si a tarefa de promovê-la” (BRASIL, 1998, p.25).

Quando se ensina língua Portuguesa o professor deve desconstruir pensamentos que levam a concluir que só existe uma forma certa de falar. É necessário que o educando compreenda que existe diferentes espaços sociais e que para cada ambiente, há uma maneira de comunicação. Por tanto é necessário mostrar as diversas circunstâncias da utilização da fala e qual a melhor forma de adequar-se a essa modalidade.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p.26)

Por tanto, um dos recursos didáticos que o professor pode utilizar em sala de aula, para a formação dos educandos, sem se desligar do que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõe é a prática da contação de história. É através das narrações que o aluno poderá ter conhecimento e domínio da linguagem oral e quais são os vários modos de utilização que

essa prática permite. Cabe salientar que os documentos oficiais para o ensino de língua portuguesa como, por exemplo, os PCNs (BRASIL, 1997), preconizam o ensino-aprendizagem da linguagem através de textos orais e escritos, mesmo não fazendo referência direta a contação de histórias.

Assim, é através das competências da oralidade que o educador poderá trabalhar com os gêneros textuais como contos e crônicas, possibilitando aos alunos um espaço maior para produzir suas próprias narrações sejam baseadas em suas leituras e imaginação, como nas questões sociais nas quais eles estão inseridos. A partir da linguagem oral o aluno produzirá textos com o propósito de ser analisados e compreendidos na sala de aula a fim de desenvolver as habilidades linguístico-discursivas. Nesse ponto, destaca-se, a partir dos PCNs, que: “a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.” (BRASIL, 1997, p.35).

É necessário que exista a reflexão sobre a importância que se tem em trabalhar a oralidade em sala de aula. É através do domínio da língua oral que os alunos poderão produzir textos, manifestar suas dúvidas, levantar questionamentos ou posicionar-se socialmente. A formação social dos estudantes é o principal foco que os educadores devem ter, e isso se tornará mais fácil quando são desenvolvidas didáticas que contribuam positivamente na formação das crianças e jovens.

Nesse ponto, destacam-se as contribuições de Vigostky acerca da construção colaborativa da aprendizagem, conforme Suassuna (2011, p. 105) os estudiosos da aprendizagem, mais especialmente Vygotsky, “começam a se preocupar com a dimensão cultural do ato de aprender, bem como com o papel da escola, enquanto instituição”. Para tanto, a “aprendizagem resulta das interações que sujeitos históricos estabelecem entre si e com o real a sua volta”. Ainda conforme Suassuna (2011, p. 105) “os signos e símbolos – produção cultural por excelência – seriam condição”.

### **Contação de histórias e oralidade no ensino-aprendizagem de língua portuguesa**

A experiência proporcionada pelo estágio supervisionado -com observações e regências de aulas- é de extrema importância para o formando, pois possibilita um momento de investigação, construção de conhecimentos e reflexão acerca das práticas de ensino e as teorias estudadas no processo de formação dentro da universidade. Dentro dessas práticas encontra-se o ensino de Língua Portuguesa que deve trazer a reflexão entre o objeto de

ensino, a linguagem e seu uso em textos orais e escritos e suas relações no espaço em que os alunos estão inseridos (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais norteiam o processo de ensino-aprendizagem de linguagens e propõe que aluno “amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania” (BRASIL, 1998 p. 32). Partindo desse domínio ativo do discurso pelos alunos, durante a regência do estágio os estagiários propuseram como recurso-didático-pedagógico a contação de histórias como metodologia para o ensino da oralidade contribuindo assim para o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursiva dos alunos. A partir da contação de contos para os alunos do 6º ano do ensino fundamental foram desenvolvidos a produção de dois tipos de gênero de textos orais: o debate e o texto dramático.

O desenvolvimento dessa metodologia sucedeu em dois momentos. Primeiro com a contação realizada pelos estagiários do conto “O menino que foi ao vento norte” da escritora brasileira Bia Bedran (2012); o segundo realizado pelos próprios alunos do clássico dos Irmãos Grimm (2012) “Chapeuzinho vermelho”. A partir das observações realizadas no estágio e em consonância as discussões que perpassavam as orientações e supervisões do estágio supervisionado em língua portuguesa como, por exemplo, o trabalho com o gênero conto, variações linguísticas e graus de formalidade na fala oral e escrita foi possível repensar a escola e a organização do trabalho pedagógico do ensino de língua portuguesa. Essa atividade teve como objetivo uma interação maior entre os alunos, os conteúdos do livro didático e a narração. Proporcionando assim através da atividade de contação uma construção de sentidos, interpretações, contribuindo na construção de habilidades e competências linguístico-discursivas dos alunos.

No primeiro momento com a contação do conto “O menino que foi ao vento norte” (BEDRAN, 2012) proporcionou um envolvimento dos alunos durante a própria narração. Realizada oralmente pelos estagiários sem auxílio de papel impresso, nem objetos figurativos, tendo como recursos a própria voz com alterações entre as falas dos personagens e com partes da narração que possuíam certa musicalidade sendo instigada a repetição pelos alunos. O objetivo era mostrar que o professor pode desprender-se do hábito rotineiro de leitura apenas no livro didático substituindo por uma leitura oral com a participação dos próprios alunos.

Além dos trechos do conto que possuía certa musicalidade, instigados a repetição pelo contador. O conto da Bia Bedran está cheio de imagens, mitos, valores e relações humanas. O relacionamento do menino com a mãe; a ajuda oferecida ao menino pelo

personagem fictício “Vento”; o mau caráter do dono da hospedaria; são temas que propuseram discursões para a construção do debate com os alunos. Essa contação permitiu a reflexão e um espaço para os alunos trabalharem a oralidade, expressando suas opiniões acerca do conto, relatando o que mais lhe chamaram atenção, sobre os temas presentes na narração e as atitudes tomadas pelos personagens. Para encerrar a atividade de trabalho com o conto foram produzidos textos escritos sobre esses temas presentes na narrativa, em seguida leituras e exposições pelos alunos.

O segundo momento de contação de histórias foi realizada pelos próprios alunos sendo desenvolvido outro tipo de produção de gênero de texto oral, o texto dramático. Uma adaptação escrita pelos estagiários do conto da “Chapeuzinho vermelho” dos Irmãos Grimm (2012) foi narrado e encenado por alguns dos alunos do 6º ano. A narração e divisão dos personagens foram organizadas com o auxílio da professora regente, durante uma semana os alunos que iriam participar da contação se reuniram para ensaios.

No último dia de regência do estágio supervisionado os alunos envolvidos na contação fizeram a apresentação do conto para os demais alunos da turma. A atividade teve uma narradora e alguns dos principais personagens como, por exemplo, chapeuzinho, lobo mal, vovozinha e caçador. Os participantes estavam caracterizados de acordo com seus personagens. A leitura dramatizada proporcionou os alunos uma maior interação com o texto e também reflexões acerca do uso da língua em situações de uso da fala, com seus “sons sistematicamente articulados e significativos, bem como aspectos prosódicos, envolvendo ainda uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (MARCUSCHI, 2010 p. 25).

O contato com os usos de textos orais como a contação de histórias pode ser uma porta de entrada para o trabalho com gêneros textuais. A escola é o espaço que os alunos dispõem para desenvolvimento do uso da linguagem oral, seja em atividades realizadas dentro da sala de aula, como também nas diversas situações comunicativas.

### **Considerações Finais**

A partir do objetivo geral deste trabalho que consistiu em refletir acerca da contação de histórias como metodologia didático-pedagógica utilizada na regência de aulas de língua portuguesa, no 6º ano ensino fundamental foi possível observar a contação de história como recurso didático-pedagógico que viabiliza a leituras como prática social. Nesse ponto, o

trabalho está em consonância com os estudos de Marcuschi (1988; 2008) que sinalizam a “leitura e compreensão de texto falado e escrito de um ato individual de uma prática social”.

Nesse caso, sinaliza-se que a oralidade deve ser trabalhada dentro da sala de aula, os professores focalizam, na maioria dos casos, apenas a produção de textos escritos. Entretanto, os textos orais estão presentes nas ações cotidianas dos alunos e, portanto, merecem um espaço de reconhecimento dentro da escola.

Os PCNs abordam e defendem a produção de ambos os gêneros, tanto orais como escritos. Uma forma de trabalhar esses textos orais favorecendo o trabalho da oralidade é a prática da contação de histórias, pois além de ser uma atividade lúdica podendo motivar e instigar uma maior interação dos alunos dentro da sala de aula pode ser uma das metodologias que podem favorecer trabalho com a oralidade.

A experiência da contação de histórias nas regências do estágio foi um momento de muito aprendizado, tanto da parte dos estagiários, propondo novas metodologias para um maior envolvimento dos alunos na sala de aula e levando propostas para trabalho da oralidade. A prática de contação de histórias proporcionou aos alunos um espaço para exposição de suas opiniões e reflexões, permitindo um momento de maior interação entre professor, aluno e texto. Os alunos motivados pelos temas presentes nas narrativas conseguiram interagir com os conhecimentos do conto e as relações que esses temas fazem com a realidade das suas vidas cotidianas. A atividade proporcionou momento de ludicidade, onde os alunos puderam usar a oralidade numa apresentação cultural, refletindo como a fala pode adequar-se as situações comunicativas diferentes dentro do próprio espaço escolar.

É através de trabalho com a oralidade que os alunos desenvolveram suas habilidades e competências linguístico-discursivas tanto dentro da escola como na sociedade, tendo em vista que durante a atividade proposta os alunos conseguiram opinar, tomar decisões e exercer sua cidadania através do poder das palavras.

## **REFERÊNCIAS**

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BEDRAN, Bia. **O menino que foi ao vento norte**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho vermelho e outros contos de Grimm**. São Paulo: Yoyo Books, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROSA, Maria Cecília Amaral de. **Revista Literatura: Contadores de histórias**. Ed. 34ª. São Paulo: Escola Educacional, 2011.

SUASSUNA, Lívia. **Ensaio de Pedagogia da Língua Portuguesa**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A literatura medieval**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.